

Realismo

Origem do Realismo

O Realismo começou na França em 1857, com a publicação do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Abandonando o idealismo romântico, os escritores realistas propõem uma representação mais objetiva e fiel da vida social. Negam-se a encarar a literatura apenas como uma forma de entretenimento e fazem dela um instrumento de denúncia dos vícios e da corrupção da sociedade burguesa.

Denunciam as péssimas condições de vida do povo, a exploração dos operários, a influência da religião e das práticas supersticiosas que ela apóia, e a hipocrisia do relacionamento humano no casamento burguês.

A angústia de um operário em greve é o tema de *On Strike* (Em Greve), 1891, óleo sobre tela, famoso quadro de *Hubert von Herkomer*, um dos maiores nomes da **arte realista**.



Características do Realismo

- Engajamento social – compromisso com a sociedade.
- Retrato da sociedade e das suas relações sem idealização. Exclui-se da obra tudo o que vier da sorte, do acaso, do milagre. Tudo é regido por leis naturais.
- Cientificismo – uso de teorias científicas e filosóficas, como o determinismo, o evolucionismo, a psicologia, o positivismo.
- Linguagem simples e direta.
- Tempo da narrativa – preferencialmente o presente, o que faz com que a literatura sirva de denúncia dos aspectos sociais e políticos.
- Espaço urbano.

- Personagens caricaturados das pessoas do dia-a-dia, retratando-se ou o aspecto psicológico ou o biológico desses.
- Preferência pela individualidade dos personagens.
- Romance documental.
- Observação direta e interpretação crítica da realidade.
- Objetividade.
- Análise psicológicas dos personagens.
- Materialismo.
- Crítica às instituições burguesas, à monarquia, a religiosidade, às credices populares.

Comparação com o Romantismo

ROMANTISMO	REALISMO
Subjetividade	Objetividade
Imaginação	Realidade circundante
Sentimento, emoção	Inteligência , razão
Verdade individual	Verdade universal
Fantasia	Fatos observáveis
Mulher idealizada, anjo de pureza e perfeição	Mulher mostrada com seus defeitos e qualidades
Linguagem culta, em estilo metafórico e poético	Linguagem culta e direta
Narrativa lenta, acompanhando o tempo psicológico	Narrativa de ação e de aventura

O Realismo em Portugal

Na segunda metade do século XIX Portugal passava a conhecer um período de estabilidade política, de progresso material e de intercâmbio com o resto da Europa. Coimbra, importante centro cultural e universitário da época, ligara-se em 1864 à comunidade europeia por meio da estrada de Ferro.

Apesar dessas novidades no cenário político-cultural, a literatura portuguesa ainda se encontrava impregnada das velhas idéias românticas, situação que só veio a se alterar em 1965, com a **Questão Coimbrã**, que deu início ao Realismo em Portugal.

Esse episódio foi uma polêmica ocorrida em Coimbra e que opôs, de um lado, *Antônio Feliciano Castilho*, conhecido poeta romântico e professor universitário que criticava as novas idéias literárias, e do outro, *Teófilo Braga* e *Antero de Quental*, jovens estudantes e escritores que defendiam a liberdade de pensamento e a independência dos novos escritores.

Os principais representantes do Realismo português na Literatura são **Antero de Quental** na poesia e **Eça de Queirós** na prosa.





O Realismo é uma reação contra o Romantismo:

O Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houve de mau na nossa sociedade.

(Eça de Queirós)

Na pintura realista, as obras retratavam cenas do cotidiano das camadas mais pobres da sociedade. O sentimento de tristeza expressa-se claramente através das cores fortes.

Um dos principais pintores foi o francês **Gustave Coubert** que destacou-se com as seguintes telas : *Os Quebradores de Pedras* e *Enterro em Ornans*.



Na arquitetura, arquitetos e engenheiros procuram responder adequadamente às novas necessidades urbanas, criadas pela industrialização. As cidades não exigem mais ricos palácios e templos.

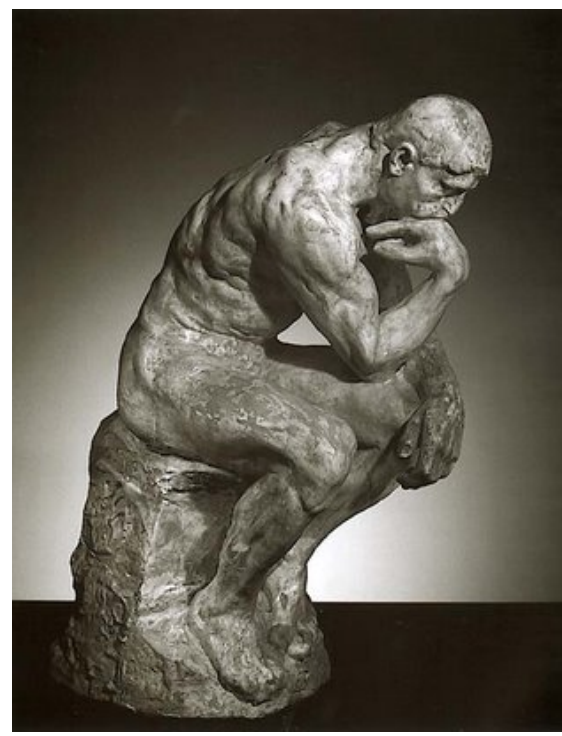
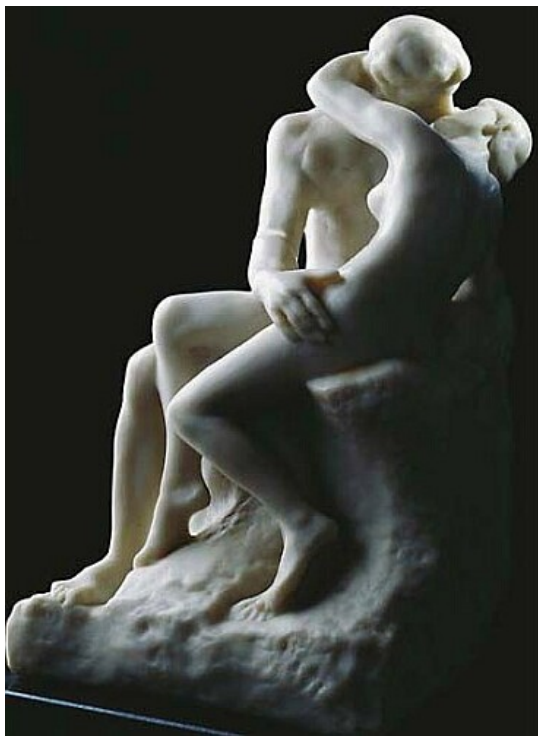
Elas precisam de fábricas, estações, ferroviárias, armazéns, lojas, bibliotecas, escolas, hospitais e moradias, tanto para os operários quanto para a nova burguesia.



Em 1889
Gustavo Eiffel
levanta, em Paris
a *Torre Eiffel*,
hoje logotipo da
“Cidade Luz”.

Na escultura, os escultores preferiam os temas contemporâneos, assumindo muitas vezes uma intenção política em suas obras. Sua característica principal é a fixação do momento significativo de um gesto humano.

Obras destacadas: *Os Burgueses de Calais*, *O Beijo* e *O Pensador*.



Realismo no Brasil

Seguindo de perto as tendências do Realismo na França e em Portugal, os escritores brasileiros fizeram da literatura uma forma de análise da realidade brasileira.

Na década de 1881, diferentemente do que acontecia na Europa, o Brasil não vivia o processo do desenvolvimento industrial. Éramos ainda um país essencialmente agrário, além de monarquista e escravocrata. Apesar dos crescentes movimentos liberais, só nos últimos anos dessa década ocorreriam o fim da escravidão e a proclamação da república.

No Brasil, o marco inicial do Realismo é a publicação, em 1881, de dois romances: *O mulato* de **Aluísio Azevedo**, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de **Machado de Assis**.



Principais Autores e Obras

Machado de Assis: *A Cartomante, O Alienista, Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Raul Pompéia: *O Ateneu*

Aluísio Azevedo: *O cortiço, O Mulato, Casa de pensão*

Inglês de Souza: *O missionário*

Adolfo Caminha: *A normalista, Bom-Crioulo*

Honoré de Balzac: *Comédia Humana*

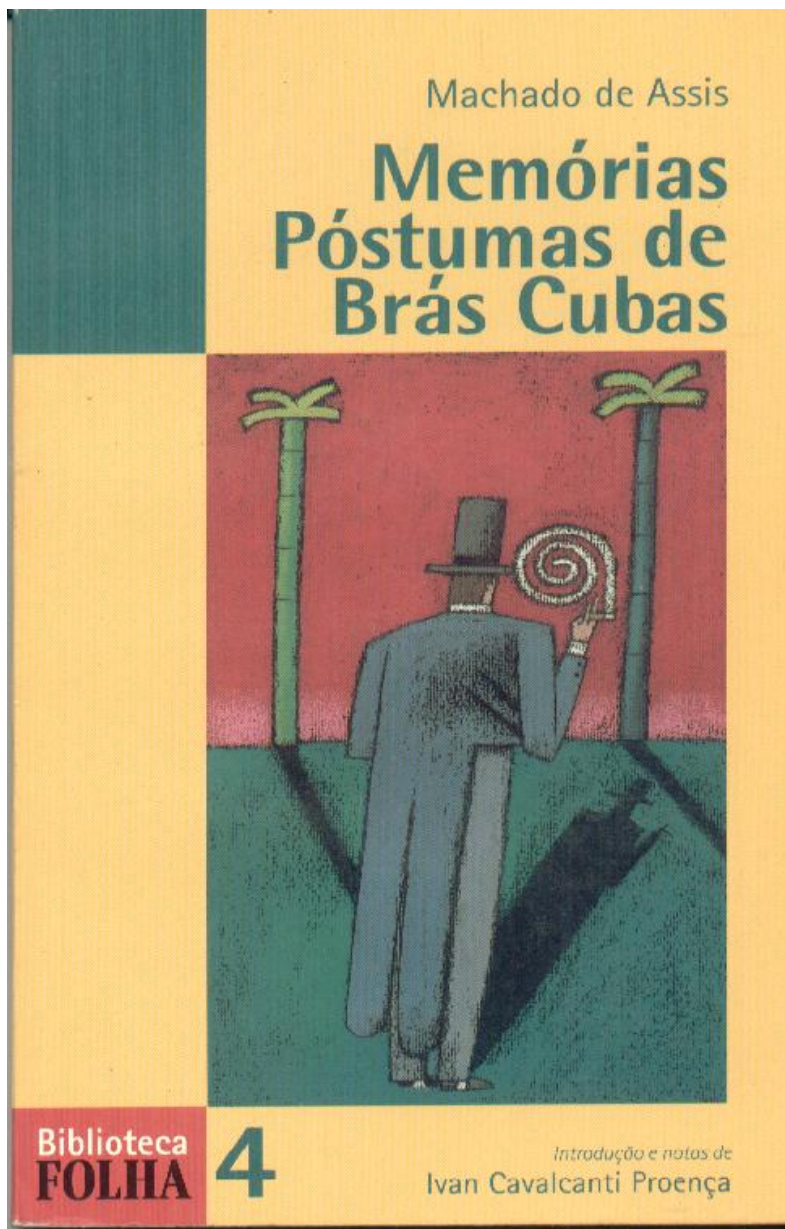
Gustave Flaubert: *Madame Bovary*

Eça de Queiroz: *O Crime do padre Amaro, Primo Basílio*

Antero de Quental: *Odes Modernas, Sonetos*

Guerra Junqueiro: *Os Simples*

Análise de uma obra Realista



CAPÍTULO 31 - A Borboleta Preta

No dia seguinte, como eu estivesse a preparar-me para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. Lembrou-me o caso da véspera, e ri-me; entrei logo a pensar na filha de Dona Eusébia, no susto que tivera e na dignidade que, apesar dele, soube conservar. A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça; e, porque eu sacudisse de novo, saiu dali e veio parar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra como a noite; e o gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha um certo ar escarninho, uma espécie de ironia mefistofélica, que me aborreceu muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas tornando lá, minutos depois, e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati-lhe e ela caiu.

Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela. Era tarde; a infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

- Também por que diabo não era ela azul? disse eu comigo.

E esta reflexão, - uma das mais profundas que se tem feito desde a invenção das borboletas, - me consolou do malefício, e me reconciliou comigo mesmo. Deixei-me estar a contemplar o cadáver, com alguma simpatia, confesso. Imaginei que ela saíra do mato, almoçada e feliz. A manhã era linda. Veio por ali fora, modesta e negra, esparecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é sempre azul, para todas as asas. Passa pela minha janela, entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo, e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal. Então disse consigo: "Este é provavelmente o inventor das borboletas." A idéia subjugou-a, aterrou-a; mas o medo, que é também sugestivo, insinuou-lhe que o melhor modo de agradar ao seu criador era beijá-lo na testa, e ela beijou-me na testa.

Quando enxotada por mim, foi pousar na vidraça, viu dali o retrato de meu pai, e não é impossível que descobrisse meia verdade, a saber, que estava ali o pai do inventor das borboletas, e voou a pedir-lhe misericórdia.

Pois um golpe de toalha rematou a aventura. Não lhe valeu a imensidade azul, nem a alegria das flores, nem a pompa das folhas verdes, contra uma toalha de rosto, dois palmos de linho cru. Vejam como é bom ser superior às borboletas! Porque, é justo dizê-lo, se ela fosse azul, ou cor de laranja, não teria mais segura a vida; não era impossível que eu a atravessasse com um alfinete, para recreio dos olhos.

Não era. Esta última idéia restituiu-me a consolação; uni o dedo grande ao polegar, despedi um piparote e o cadáver caiu no jardim. Era tempo; aí vinham já as providas formigas...

Não, volto à primeira idéia; creio que para ela era melhor ter nascido azul.

Análise

No capítulo “A Borboleta Preta”, Machado de Assis desloca o foco de interesse do romance. Não trata diretamente da vida social ou da descrição das paisagens, mas da forma como **seus personagens vêm as circunstâncias em que vivem**. O escritor concentra sua narrativa na **visão de mundo de seus personagens, expondo suas contradições**. Fica claro **o medo à superstição**. Depois de ser espantada duas vezes, a borboleta “foi parar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra como a noite.”

Percebe-se que a cor preta influencia a vida da personagem (pelo fato de simbolizar luto, morte, escuridão) o que leva o narrador a matar o inseto. Mais tarde, arrepende-se, pois reconhece que ela existe, ainda que expresse sua preferência pela cor azul. Chega a afirmar que esta reflexão é uma das mais profundas que se tem feito desde a invenção das borboletas. Eis então **a chave para compreender a obra: as reflexões da personagem e os momentos que ela vive**.

Com o transcorrer da história, **o narrador preocupa-se em detalhar as características físicas e psicológicas**, porém sem fugir do seu mundo real. Há valorização da forma com **uma linguagem clara, de fácil compreensão**, sem vulgarizar-se, facilitando o entendimento do leitor.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Professora: Marinice

Disciplina: Português

Alunos: Mariane Lopes, Rodrigo, Tiago, William Rodrigues, Iago, Alcydes, Claudir

Turma: 9020511